

## **Identidades docentes no ensino superior de Educação Física: recorte da cidade de Sorocaba**

*Rubens Antonio Gurgel Vieira*

De acordo com Silva (2007), o conceito currículo foi cunhado inicialmente como um documento que lista conteúdos científicos e politicamente neutros, conhecimentos que serão abordados nas aulas de um processo de escolarização divididos em disciplinas ou temas. A construção do conhecimento escolar apoiava-se em visões tradicionais da camada hegemônica da sociedade, ou seja, o currículo suporte do processo escolar era tradicional e culturalmente naturalizado, dado como pronto e sem espaço para questionamentos.

A partir da década de 1960, o campo acadêmico presenciou a publicação de diversas obras colocando em xeque as tradições escolares, questionando a função social da escola. A denúncia afirmava que a escola não era unicamente o local de educação das novas gerações, mas instituição a favor de uma lógica de dominação de certos grupos humanos sobre outros, reproduzindo em seu interior as desigualdades existentes na macro sociedade.

Nas últimas décadas o debate acerca das desigualdades se expandiu, abrindo espaço para outros marcadores sociais além da questão econômica, como as questões de gênero, raça, etnia, religião, sexualidade, e basicamente toda possibilidade de diferenciação identitária onde um lado é supostamente superior ao outro. O currículo como campo científico evoluiu junto com estas questões e, apoiado em teorias sociais e filosóficas<sup>1</sup> tem questionado alguns pressupostos naturalizados, tanto tradicionais como da vertente crítica.

Logo, a suposta neutralidade científica dos conteúdos e das metodologias de ensino se tornaram tema de um campo que considera o currículo um território contestado, local onde relações de poder discorrem visando objetivos específicos. Com o avanço no campo, currículo passa a ser compreendido como envolto em relações de poder com o propósito de privilegiar e produzir determinadas identidades (SILVA, 2007).

Inspirado neste contexto, Silva (2007) sugeriu a divisão do campo de pesquisas do currículo em três concepções distintas: teorias tradicionais, teorias críticas e teorias pós-críticas. Para o momento, as teorias tradicionais concebem a composição curricular

---

<sup>1</sup> As principais seriam o pós-modernismo, pós-estruturalismo, multiculturalismo, Estudos Culturais, pós-colonialismo, feminismo, teoria Queer.

como naturalizada, partindo de conhecimentos estabelecidos pela hegemonia social, logo a preocupação maior recai em *como* ensinar. Na teorização crítica, coloca-se em xeque o pensamento e estrutura tradicional, colocando na pauta o *quê* ensinar. Por fim, na teorização pós-crítica o currículo se torna uma questão de saber, poder e identidade, indo além das preocupações de classe que dominavam o cenário crítico.

Por dentro desta forma de compreender um arranjo curricular, Neira (2008) investigou os currículos da licenciatura em Educação Física com o objetivo de articular uma relação com a identidade dos egressos. A conclusão apontou que o currículo destes cursos são os principais responsáveis pela confusão conceitual que os professores apresentam no exercício da profissão, com a profusão de discursos e concepções de área e função social divergentes, sendo bastante frequente o alinhamento com discursos hegemônicos. Tendo em vista a caracterização de um currículo dominado por burocracias, conveniências, falta de critérios científicos na definição de seus parâmetros, descompromisso social, monológico (novamente, em favor da dominação e manutenção da ordem reinante), o autor afirma que o currículo das licenciaturas em Educação Física assemelha-se a um "Frankenstein"<sup>2</sup>.

Nunes (2011), ampliando a metáfora, apontou que o nome Frankenstein refere-se ao criador do monstro, o cientista que uniu as partes e deu forma ao seu desejo. A criação, por sua vez, é denominada tão somente por monstro na obra clássica. Longe de discordar das consequências de um currículo confuso, o autor diz que o currículo-criador é o Dr. Frankenstein, e o licenciado em Educação Física, bem como os docentes do ensino superior, são criaturas monstruosas. A metáfora facilita compreender como professores e alunos, possuem identidades profissionais que são criações de disputas curriculares, que por sua vez representam vértices de força ancorados de forma ampla na sociedade.

Ao etnografar o currículo de Educação Física de uma instituição de ensino superior privada, Nunes (2011) inferiu que a posição de sujeito assumida pelos discentes frente às situações didáticas vivenciadas segue os modos neoliberais de regulação, tornando-se múltiplo, fragmentado e contraditório, ora ajusta-se à ordem do empreendimento pessoal e transforma-se em *commoditie* a fim de atuar em acordo com as normas do mercado, ora desfere críticas ao currículo que o criou.

---

<sup>2</sup> Metáfora inspirada no personagem clássico de Mary Sheley, demonstrando que assim como o monstro, o currículo de Educação Física é constituído por partes desconexas que comprometem a coerência (Neira, 2009).

Entretanto, qual é a coerência desejada nos currículos dos cursos de Educação Física no ensino superior que orientam as pesquisas supracitadas? Neira e Nunes (2006) apontam que as teorias pedagógicas que dão suporte as práticas escolares, elencadas como currículos da Educação Física, deixam evidentes suas peculiaridades, suas diferenças nos propósitos socioculturais, e visam formar pessoas diferentes para um desejo de sociedade distinto. Neste sentido os currículos da Educação Física selecionam conhecimentos para respectivas visões de mundo e ensino, através de atividades formativas alinhadas ao pressuposto teórico.

Todas as propostas curriculares visam organizar um discurso legitimador de determinadas orientações, capaz de institucionalizar certas relações de poder. A tarefa é facilitada quanto mais estiver em sintonia com os grupos sociais, especialmente entre aqueles que detêm condições vantajosas para definir os significados do que deve, ou não, ser ensinado. Para ilustrar, elencamos o currículo ginástico, esportivista, saudável, desenvolvimentista e psicomotor, considerados acrílicos por não questionarem a ordem social dominante<sup>3</sup>.

O currículo cultural da Educação Física é o único que contesta os arranjos sociais vigentes, seja através do apoio nas teorias críticas da educação (SOARES et al., 1992) ou nas teorias pós-críticas (NEIRA; NUNES, 2006). Alocando-se nas teorias pós-críticas, Neira e Nunes (2009) propõem um currículo sensível aos arranjos culturais contemporâneos, reconhecendo a função social da escola como um espaço de atuação neste embate.

Refletindo sobre estas questões, buscamos investigar o currículo do ensino superior de Educação Física, pensar um pouco sobre como estão sendo formados estes profissionais. Entretanto canalizamos os esforços na identidade docente dos professores responsáveis pelas disciplinas pedagógicas<sup>4</sup> dos currículos das instituições da cidade de Sorocaba/SP. O objetivo foi realizar um recorte como forma de debater questões presentes na vida de professores dos cursos de graduação em Educação Física na cidade, mas que igualmente podem compor os questionamentos em outros contextos.

Para a realização da pesquisa, utilizamos uma base composta por três elementos: o campo de estudos do currículo, a discussão do conceito de identidade pautada pela

---

<sup>3</sup> Bracht (1999) distingue a constituição das tendências pedagógicas da Educação Física, classificando-as em teorias da aptidão física e esportiva, teoria desenvolvimentista, teoria psicomotora e concepções de Educação Física escolar derivadas da pedagogia crítica brasileira.

<sup>4</sup> Denominamos de pedagógicas as disciplinas que tratam diretamente das questões escolares, e encontramos uma série de denominações, como “Educação Física Escolar”, “Didática”, entre outras.

concepção pós-moderna<sup>5</sup> e a metodologia de pesquisa da História Oral<sup>6</sup>. Utilizamos uma metodologia que contemplates o desejo de ouvir as vozes daqueles que raramente são ouvidos. Participaram do estudo os docentes das cinco instituições<sup>7</sup> que oferecem o curso de Educação Física na cidade de Sorocaba. Sem considerar que a soma das entrevistas caracterize qualquer quadro coletivo fiel, buscou-se documentar os discursos docentes como forma de caracterizar uma memória coletiva<sup>8</sup>. Através desta memória, analisamos os discursos, representações e sistemas simbólicos que dão suporte as identidades docentes, além dos investimentos individuais que posicionam estes professores.

Nas histórias de vida transcritas<sup>9</sup> pudemos observar opiniões, ensinamentos, posturas pessoais e profissionais de docentes das cinco instituições que oferecem o curso de Licenciatura em Educação Física na cidade de Sorocaba. Sem o propósito de emitir julgamentos éticos ou morais, o enfoque recaiu nas diferentes visões de mundo, de educação e, conseqüentemente, de Educação Física.

Ainda que legalmente os currículos das instituições são voltados tanto para a licenciatura quanto para a graduação, não se trata de criticar uma divisão curricular - igualitária ou não - entre disciplinas biológicas, esportivas ou educacionais. A relação se torna mais complexa, quando o discurso dos professores são divergentes e, não raro, contraditórios. É comum na fala dos docentes que ministravam disciplinas distintas, discursos contraditórios e reflexões sem a devida integração de objetivos, visão de Educação Física, sociedade e educação.

Se o currículo é um espaço de conflitos, nada mais coerente que distintas concepções de sociedade, educação, escola e Educação Física disputem a legitimidade. Mas como o docente constrói sua identidade dentro deste contexto. Estariam os

---

<sup>5</sup> Na concepção pós-moderna, identidade é um ponto de apego temporário a uma posição de sujeito fornecida pelos discursos socioculturais e profundamente imbrincadas em relações de poder.

<sup>6</sup> Recorremos então à história oral, nos moldes propostos por Meihy (1996) e Meihy e Holanda (2010). Para os autores, o método se apresenta como alternativa no estudo das identidades para a “compreensão de comportamento e sensibilidade humana” (MEIHY; HOLANDA, 2010, p. 09). Nesta modalidade de pesquisa, através dos registros das manifestações da oralidade, as percepções da vida social são articuladas com projetos para explicar determinados contextos. O suporte material desta ação é a entrevista, que fornece uma documentação oral da linguagem expressa. A consideração além do que é registrado em palavras é um dos maiores desafios do método.

<sup>7</sup> FEFISO, UNIP, Anhanguera Educacional, ESAMC e UNISO. As instituições serão descritas com mais detalhes nos procedimentos metodológicos.

<sup>8</sup> Para Meihy (1996), mais do que a soma das lembranças individuais organizadas subjetivamente, a memória coletiva é construída através de vetores externos que circunstanciam e marcam a identidade de um grupo. O conceito será aprofundado quando adentrarmos nos procedimentos metodológicos.

<sup>9</sup> Transcrição é uma das etapas da História Oral, e consiste num momento de transcrição literal seguido de uma transcrição realizada pelo pesquisador, onde considera-se que ele igualmente coloca a sua visão no processo de pesquisa.

professores conscientes dos diversos currículos que se enfrentam pela hegemonia na Educação Física Escolar? Refletem sobre os discursos que emitem nas aulas? Dentre os currículos que compõem o campo de conflitos, na visão dos docentes, qual possui a melhor resposta para o quadro educacional atual? Que função social creditam à educação e, mais especificamente, à Educação Física?

As transcrições demonstraram falta de clareza conceitual acerca dos diversos currículos que compõem a área, condição limitante a vários profissionais. Quando os entrevistados foram estimulados a discorrer sobre a função da escola, contribuição da Educação Física na sociedade e sua relação na escolarização básica, bem como sobre o debate acadêmico acerca do embate dos distintos currículos, apresentaram uma concepção de área difusa, com representações distorcidas da função da Educação Física escolar.

Nas entrevistas transcritas, alguns discursos proferidos nos levam a crer que a compreensão dos docentes acerca da crise epistemológica e identitária presente na área da Educação Física escolar ora é superficial, ora não se apresenta. Referências de ações críticas se resumem a algumas circunstâncias excepcionais, como a regulação do CREF e as condições oferecidas pelas instituições de ensino. Ou seja, a criticidade se limita ao discurso contrário a algumas regulações institucionais e profissionais, sem adentrar a temática das possibilidades de resistência via currículo epistemológico.

É preocupante, portanto, que alguns docentes se encontrem à margem da discussão e não apresentem posicionamentos sobre a crise que acometeu o campo, nem tampouco abordem o surgimento do currículo cultural como crítica ao que vinha sendo feito, mesmo que a produção teórica que defenda esta visão de mundo já possua algumas décadas<sup>10</sup>. As raras menções evidenciam que a postura crítica/pós-crítica encontram pouco eco.

Nos discursos docentes acríticos, alguns dados fornecem indícios que corroboram a confusão curricular e superficialidade de compreensão da área da Educação Física escolar, como a escassez de autores citados como referências teóricas. Por outro lado, nos poucos discursos críticos chama a atenção a curta experiência profissional dentro das escolas. De uma forma geral, os colaboradores não apresentaram histórico de atuação na Educação Básica além de experiências curtas e não muito bem sucedidas.

---

<sup>10</sup> Consideramos como marco a obra "Metodologia do Ensino de Educação Física" (SOARES et al. 1992). Obras anteriores se limitaram a criticar a situação do campo, como descrito no quadro teórico, sem apresentar propostas. Como marco de inserção nas teorias pós-críticas adotamos Neira e Nunes (2006).

Quando não se possui clareza epistemológica dos currículos da Educação Física escolar, as opções teóricas que fundamentam os discursos e representam a identidade podem se apoiar em referenciais como tradição, comodismo e pressão político-pedagógica. Mesmo que não haja explicitação destes condicionantes na voz dos professores, inexistente posicionamento livre da conexão com a disputa cultural. A interdição de alguns posicionamentos que deslocam representações tradicionais e acrílicas deixam mostras de operações de poder mais amplas.

Todavia, se recuperarmos os argumentos de Silva (2007), para quem o currículo forja identidades não somente discentes como também docentes, será lícito afirmar que o currículo da licenciatura em Educação Física é fonte de representações também para os professores que nele atuam, conferindo-lhes significados específicos com respeito à concepção de escola, aluno, ensino, aprendizagem e docência da Educação Física.

Portanto, é de suma importância o reconhecimento de que os professores participantes do estudo estão igualmente sujeitados por contingências em um contexto guiado por vetores desproporcionais. Não se pode pensar que somente os docentes disseminam noções enviesadas sobre a prática escolar, pois o próprio currículo que lhes dá guarida faz o mesmo com eles, o que os torna criadores e criaturas simultaneamente (NUNES, 2011).

Para Nunes e Rúbio (2008), como a identidade é tecida em conjunto com a estrutura sociocultural, o professor de Educação Física também tem sua identidade constituída discursivamente em processo de constantes identificações. O mesmo professor pode se identificar com diferentes posicionamentos curriculares e, além do constante conflito entre identidades docentes, ainda ser afligido pelas disputas identitárias familiar, religiosa, étnica, racial, sexual etc.

Constatamos que os professores são igualmente interpelados pelos diversos currículos, compostos por múltiplos discursos, muitas vezes contraditórios. Portanto, o mesmo professor pode promover conteúdos curriculares distintos em situações semelhantes, ou ações semelhantes para contextos distintos. Veja-se, por exemplo, a citação, como fonte de inspiração e conhecimento, de autores que representam teorias distanciadas e currículos radicalmente distintos.

Os professores também se encontram expostos a representações e discursos que os interpelam a posições de sujeito alinhadas com uma sociedade desigual, como pode ser facilmente verificado nas suas trajetórias escolares e formações profissionais (NEIRA, 2008). Estas interpelações são reguladas por tendências macro, forjando algumas das

identidades que portam hoje. Logo, defendemos que os docentes não podem ser os únicos culpados por atuações acríticas, ou seja, é um equívoco colocar todo o peso da educação como prática dominante de reprodução social nas suas costas. Entretanto, o quadro precisa de mudanças.

Diante do exposto, consideramos que os confrontos curriculares ainda estão distantes de configurações mais sensíveis às necessidades de uma sociedade democrática. Enquanto criador, o currículo da Educação Física no ensino superior, ao menos no recorte estabelecido, ainda é composto por identidades docentes alheias ao contexto multicultural e distantes dos debates mais atuais da Educação Física Escolar. A aproximação entre este debate e os docentes se faz cada vez mais necessário.

## **Referências**

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NEIRA, M. G. Desvelando Frankensteins: interpretações dos currículos de licenciatura em Educação Física. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física*, v.1, n.1, p. 118-140, ago. 2009.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Educação Física, *Currículo e Cultura*. São Paulo: Phorte, 2009.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da cultura corporal*. São Paulo: Phorte, 2006.

NUNES, M. L. F. *Frankensteins, monstros e o Ben 10: fragmentos da formação inicial em Educação Física*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

\_\_\_\_\_. RÚBIO, K. O(s) currículo(s) da Educação Física e a constituição da identidade de seus sujeitos. *Currículo sem Fronteiras*, v.8, n.2, p. 55-77, jul./dez. 2008.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, C. L.; CASTELLANI FILHO, L. C.; BRACHT, V.; ESCOBAR, M. O;  
VARJAL, E.; TAFFAREL, C. N. Z. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São  
Paulo: Cortez, 1992.